

CURSO INTERNACIONAL DE TOPONÍMIA UNGEEN & IBGE



VISÃO TOPONÍMICA SOBRE O ESTADO DO RIO DE JANEIRO - BRASIL

Prof. Dr. Paulo Márcio Leal de Menezes



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade do Brasil
Departamento de Geografia

GeoCart
Laboratório de Cartografia



Sumário

- **Introdução**
- **Formação Territorial do Estado do Rio de Janeiro**
- **Influências Linguísticas**
- **Famílias e Línguas Indígenas no Rio de Janeiro**
- **Pesquisa Toponímica no Estado do Rio de Janeiro**
- **Cartografia e Toponímia**
- **Conclusões**

1 - Introdução

Objetivo Principal

Apresentar o Estado do Rio de Janeiro nos aspectos que levaram à formação e consolidação de sua toponímia.

Objetivos Secundários

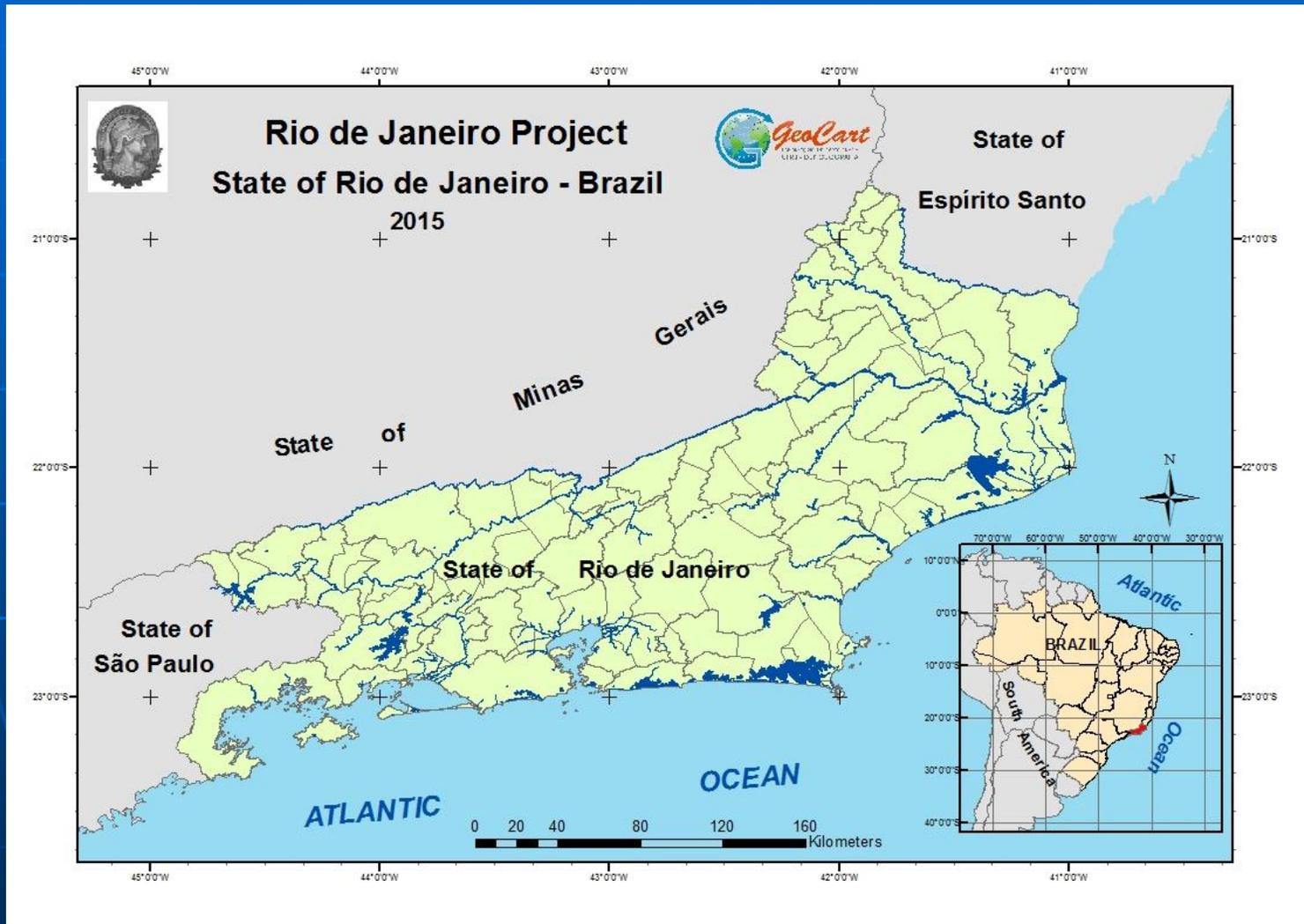
Apresentar os aspectos da formação territorial do Estado do Rio de Janeiro

Apresentar os aspectos linguísticos que influenciaram a toponímia

Apresentar os fatores de influência na fixação de topônimos

Apresentar um estudo geral e aspectos específicos da toponímia

O estado do Rio de Janeiro é um dos 26 da República do Brasil.



- 92 municípios e 184 distritos.
- Aproximadamente duas centenas de pequenas vilas e cerca de 800 núcleos populacionais menores.
- 1480 rios, riachos, córregos, ribeirões, canais, valas e valões.
- Cerca de 480 Ilhas
- Em torno de 240 Serras, Maciços, Morros, Picos e Montes

O processo de nomeação tem início através das expedições exploratórias entre 1501 e 1560.

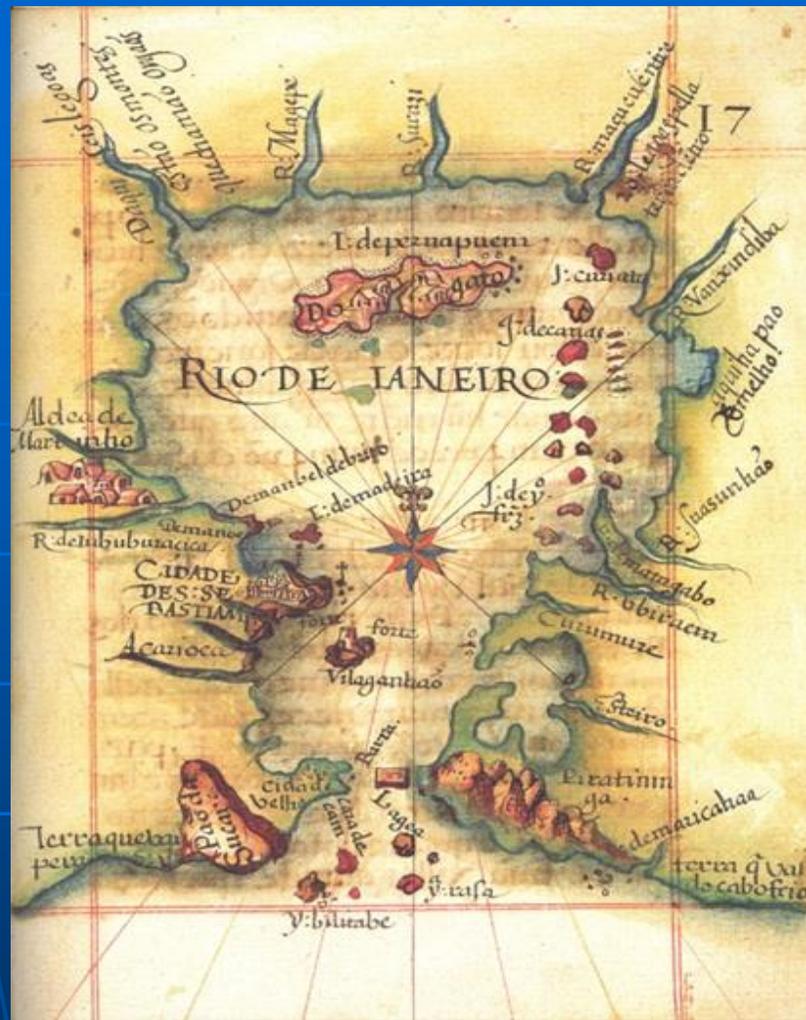
A história da toponímia do Rio de Janeiro com a primeira expedição exploratória de 1501, comandada por Gaspar de Lemos, com a participação de Américo Vespúcio.

A expedição atingiu o Brasil no atual Rio Grande do Norte e navegando pela costa, para o Sul, foi nominando quase todas as feições costeiras: rios, ilhas, cabos e baías.

A primeira nomeação no atual estado ocorreu em 1º de janeiro de 1502, ao aportarem na atual Baía de Guanabara.

Erradamente foi dado o nome de Rio de Janeiro.

De acordo com uma das versões, a baía havia sido confundida com a foz de um rio ou como uma ria – uma larga e profunda entrada do mar em terra.



Codex de Luis Teixeira, 1574

Em 1503, dois navios liderados por Américo Vespuccio atingiram a região de Cabo Frio, nomeando o lugar e construindo uma fortaleza e núcleos de assentamentos.

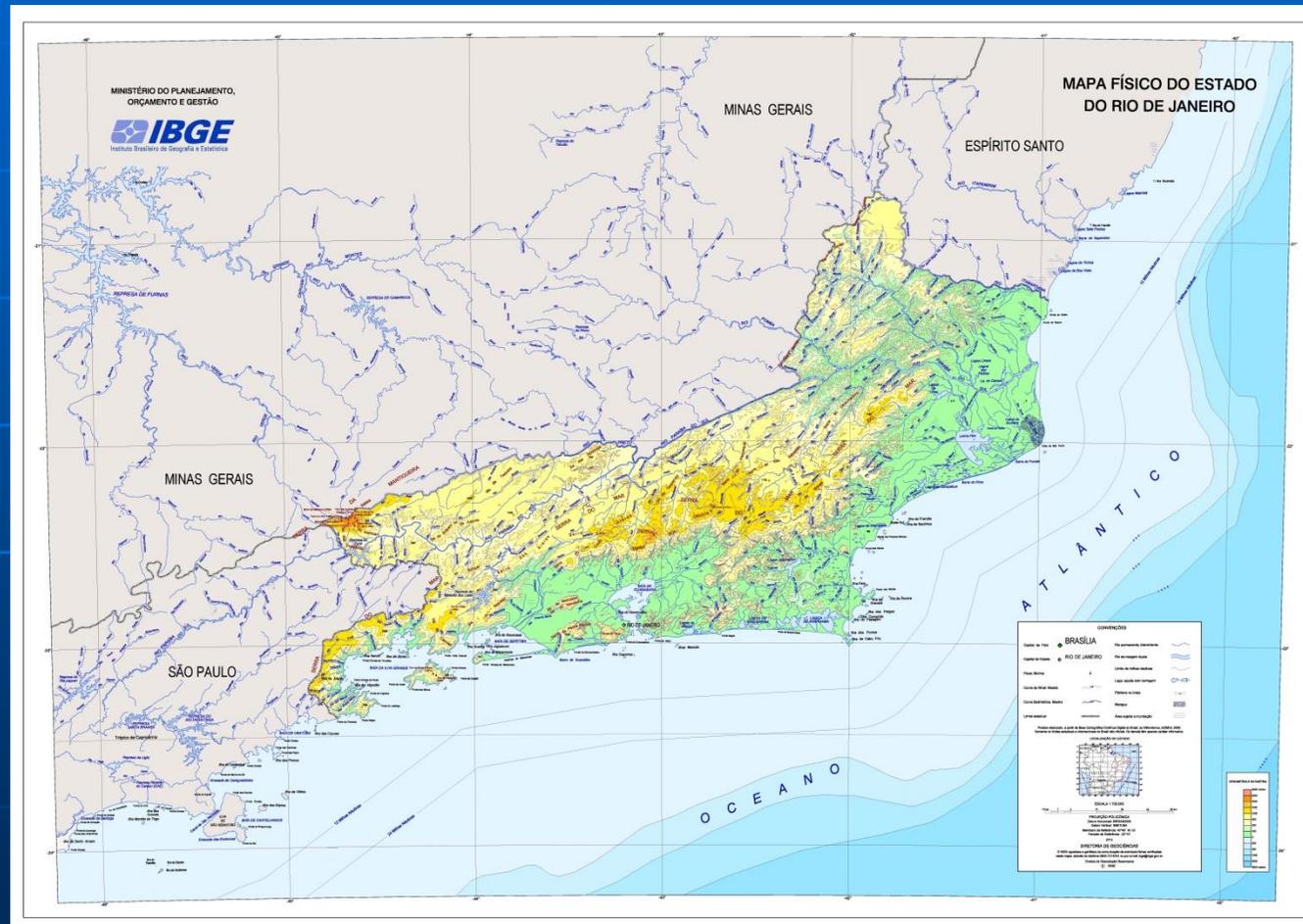


Codex de Luis Teixeira, 1574

Outros lugares e feições foram nomeados nos arredores, atendendo ao idioma nativo dos descobridores, portugueses, ignorando a existência de nomes associados às linguas indígenas locais.

A colonização começou no segundo quartil do século XVI, só se consolidando no terceiro quartil, após a invasão francesa, em 1555.

A geografia do Estado era diversa e o colonizador forçado a explorar não só rios, lagoas, terras baixas, mangues, terras inundadas e pântanos, em planícies, mas também montanhas e planaltos, voltado para o conhecimento, colonização e ocupação do território. O “*flumens*”.



Mapa Físico Rio de Janeiro – IBGE - 2011

2 – Formação Territorial do Estado do Rio de Janeiro

Inicia-se em 1534, quando da criação das capitanias hereditárias.

Alguns fatos são marcantes para que haja a fixação do colonizador, bem como a adoção das estruturas vigentes em Portugal.

Definição dos limites do Estado:

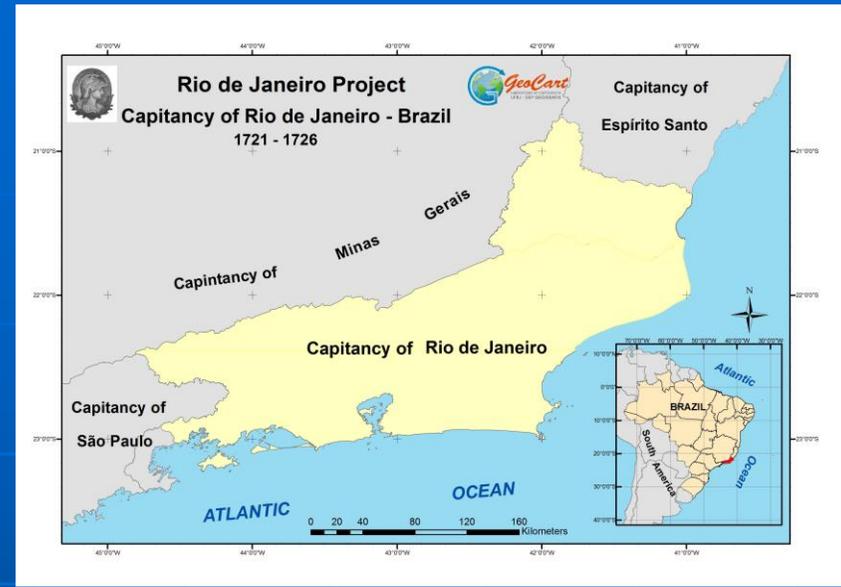
- fatos bem definidos;
- relevância na conquista;
- relevância no povoamento;
- Em consequência na sedimentação e consolidação
- Expansão da ocupação e de sua toponímia.

Cronologia da Formação Territorial do Estado:

- 1534 - Criação do sistema de Capitanias Hereditárias;
- 1555 a 1567 - Invasões Francesas - França Antártica;
- 1565 - Fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro;
- 1567 - reconquista do território; criação da Real Capitania do Rio de Janeiro;
- 1619 a 1709 - Definição de novos limites territoriais das Capitanias originais;
- 1721 - Incorporação de Parati à Capitania de São Paulo;
- 1726 - Reincorporação de Parati à Capitania do Rio de Janeiro;
- 1743 - Incorporação da área acima da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul à Capitania do Espírito Santo;
- 1763 - Transferência da Capital da Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro;
- 1832 - Retorno da área acima da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul à Capitania Rio de Janeiro;
- 1822 - Independência do Brasil; Capitania para Província; Exclusão da área do Município Neutro;
- 1889 - Proclamação República, final do Império do Brasil; Alteração de Província para Estado e Município Neutro para Distrito Federal;
- 1960 - Transferência da Capital Federal para Brasília, Distrito Federal. Criação do Estado da Guanabara;
- 1975 - Inclusão do Estado da Guanabara como o novo Município do Rio de Janeiro.



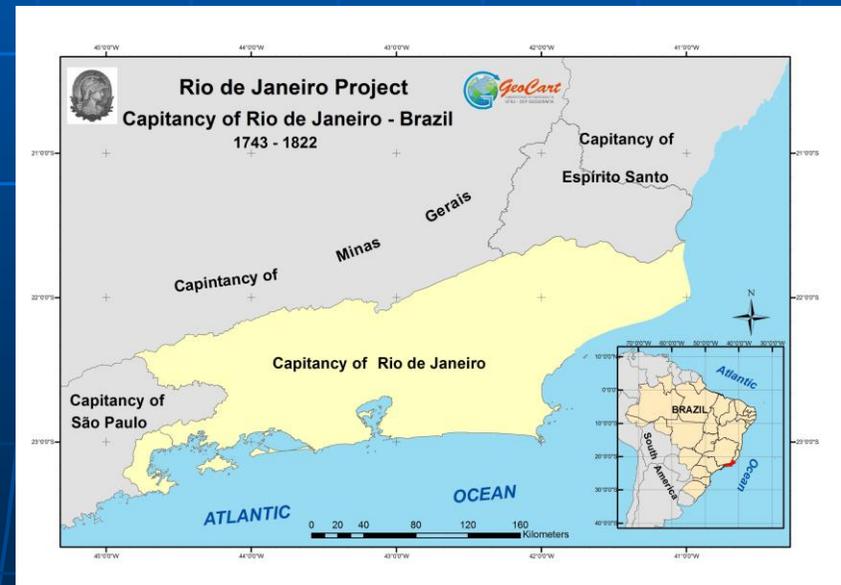
Períodos: 1534 a 1721



1721 a 1726



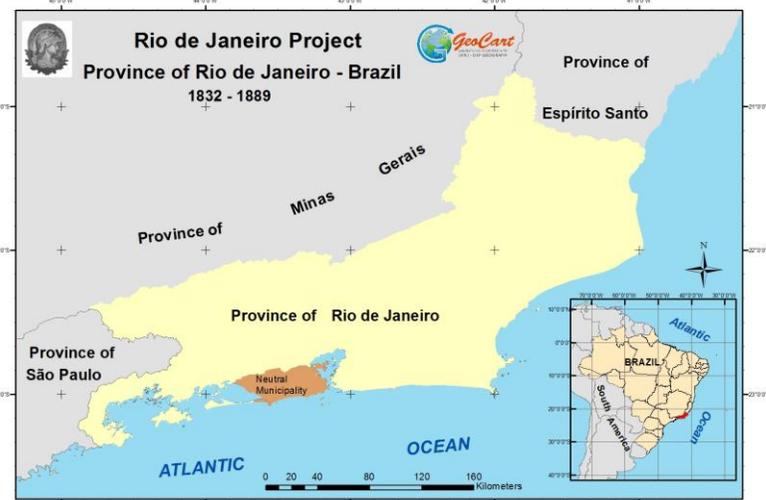
Períodos: 1726 a 1743



1743 a 1822



Períodos: 1822 a 1832



1832 a 1889

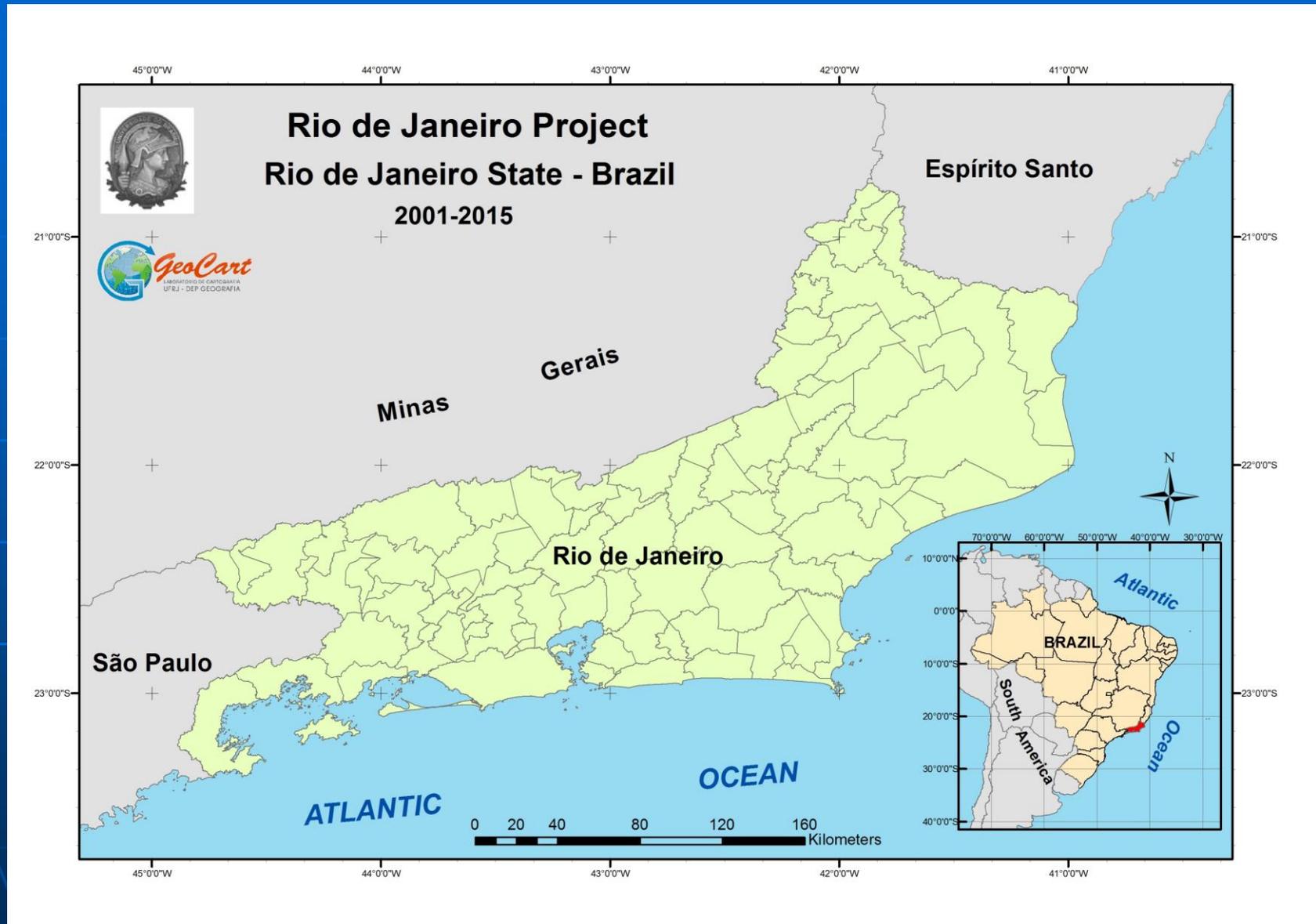


Períodos: 1889 a 1960



1960 a 1975

--



Estado do Rio de Janeiro – Desde 1975

Assentamento e conquista do Território:

Fatores socioeconômicos;

- Implantação do sistema de sesmarias;
- Existência da rede hidrográfica localizada no entorno do recôncavo da baía de Guanabara;
- Presença marcante da Igreja Católica nos dois primeiros séculos de colonização, especialmente no território fluminense;
- Exploração de ouro e pedras preciosas região das Minas Gerais, a partir de 1695 e
- A chegada da família real em 1808 ao Rio de Janeiro.

Posteriormente:

- Ciclos econômicos da cana de açúcar e café;
- Implantação das ferrovias (sec XIX e XX).

A ocupação territorial pode ser analisada através da identificação dos diversos núcleos populacionais existentes em mapas históricos, os quais mostram não só os vetores de penetração, mas também aspectos culturais sobre esta ocupação.

Colonização e ocupação do território

Os colonizadores foram beneficiados inicialmente, pela instalação de *freguesias* ou *paróquias*, contando com um mínimo de dez casas ou famílias.

Menores divisões da administração pública
Tinham um cura com jurisdição espiritual,
Exerciam também o governo civil, amparado pelo Reino.

Por outro lado, os aldeamentos, missões ou reduções, tinham por finalidade de defesa em pontos considerados estratégicos, na costa, em rios ou no interior,

Tinham também a missão de catequizar e ensinar a trabalhar.

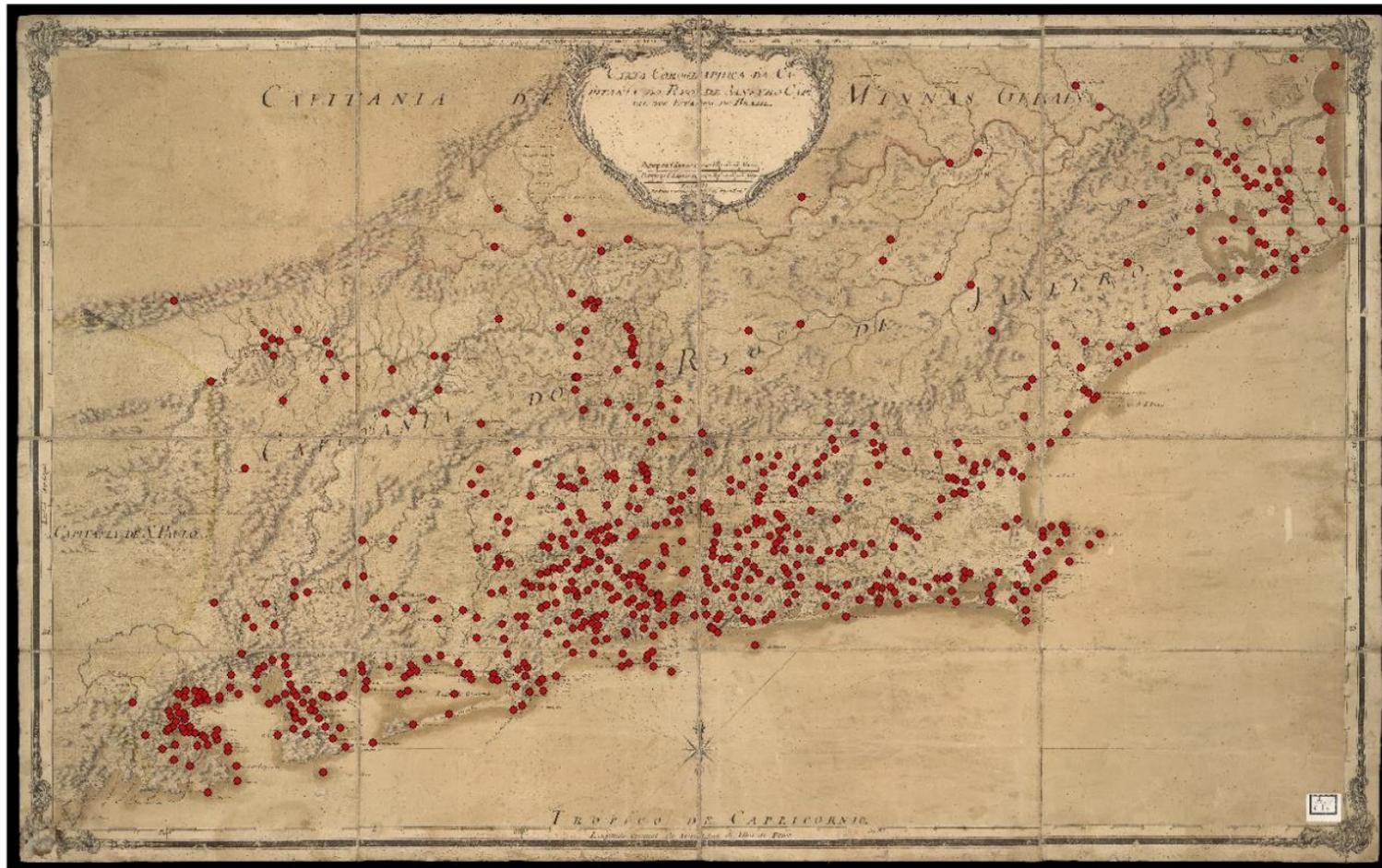
Os caminhos para escoamento da produção de ouro e pedras preciosas, formaram linhas que se pontilharam de aldeamentos transformando-se mais tarde em núcleos de desenvolvimento.

Isto fica bem nítido nos mapas do Século XVIII.

Mapa de Domingos Caspassi e Diogo Soares



Mappa Chorographica da Capitania do Rio de Janeiro, 1732 (ca).
Domingos Caspassi, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Carta Chorographica da Capitania do Rio de Janeiro, 1777
Sgto. Mor Engenheiro Francisco João do Roscio, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

3 – Influências Linguísticas

Para o entendimento da evolução da toponímia no Brasil e, mais especificamente, no estado do Rio de Janeiro, a influência linguística nos topônimos brasileiros refere-se a um período imediatamente após a descoberta pelos portugueses.

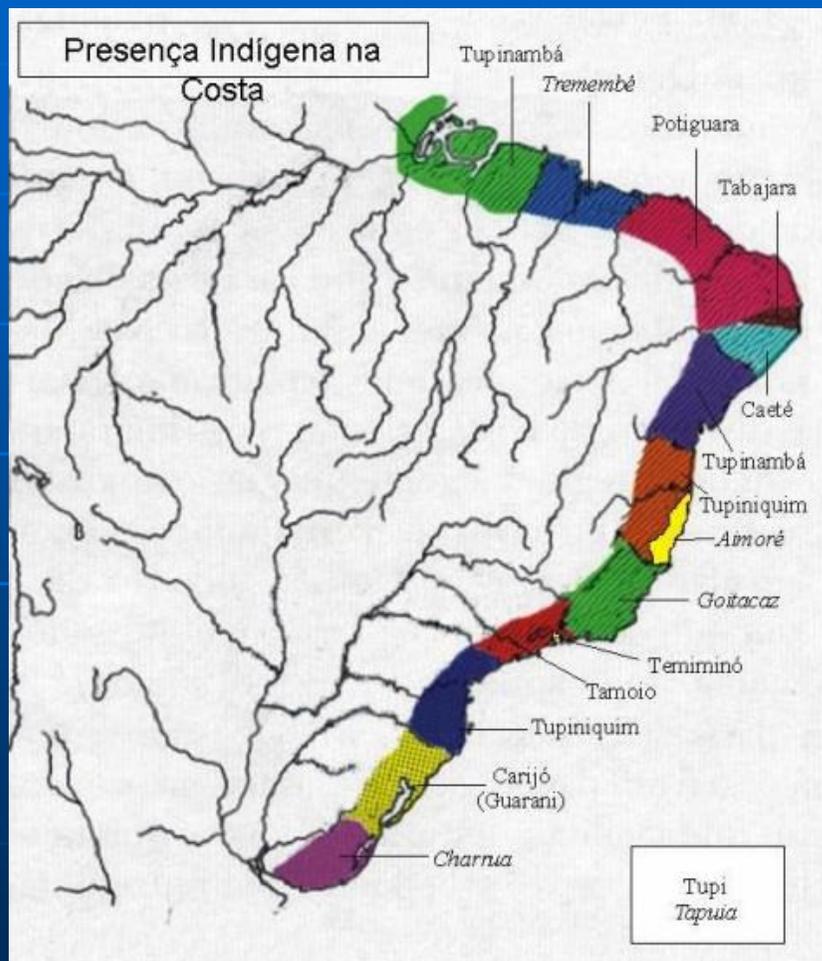
O Brasil de 1500 se apresenta como um imenso território, onde a estrutura linguística era de total multilinguismo, onde havia aproximadamente 1175 línguas faladas, mas ninguém tinha uma escrita associada.

Assume-se a existência de 6 milhões de indígenas de vários grupos.

Havia uma relativa unidade lingüística ao longo da costa, onde estavam estabelecidos o grupo Tupi, pertencente à família Tupi-Guarani.

Mesmo aqueles que entre eles, eram historicamente inimigos, como tupiniquins e tupinambás, tinham uma língua falada bastante próxima.

No interior e principalmente na Amazônia, é possível verificar a existência de grupos cujo ramo lingüístico era bastante adverso, como os *Arawak*, *Karib*, *Je*, *Pano*, *Tukano* e até centenas de outros grupos menores, mostrando a diversidade linguística existente .



Famílias Tupis ao longo da Costa

Grupos Indígenas em 1500

Influência Toponímica nos séculos XVI e XVII:

- aspecto religioso e
- pela língua nativa.

Coexistência de três línguas na colônia:

Português;

Latim, utilizado pelos jesuítas para catequese e educação e

Língua Original, que abrangia as línguas nativas faladas no Brasil.

Vindo de um mesmo ramo, foi possível unir todas as línguas em um único grupo comum, o Tupi.

A língua Tupinambá (ramo Tupi) foi falada ao longo da costa atlântica e aprendida pelos portugueses.

O uso dessa linguagem, denominada **Brasílica**, foi intensificado e generalizado de tal maneira e falado por quase toda a população do sistema colonial brasileiro.

A homogeneidade linguística nativa permite aos catequistas e sacerdotes jesuítas:

- criar uma gramática nativa e, conseqüentemente, uma linguagem geral;
- servir como apoio, ao ensino (catequese) e comunicação entre os colonos.

No início do século XVIII, a proporção entre as duas línguas – *Geral e Portuguêsa* - faladas na colônia era de pelo menos três para um.

Esta linguagem geral se estabelece durante a primeira metade do século XVII como a "*Língua Brasileira*", tornando-se a verdadeira linguagem de comunicação nos dois primeiros séculos da colônia, substituindo quase completamente a língua portuguesa.

Influência principalmente pelo uso puro de nomes de lugares nativos, especialmente no interior, durante as expedições exploratórias.

Criaram-se também exemplos concretos de superposições toponímicas emergentes, causando uma dupla afetação de topónimos em português e língua Brasileira



Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil
Padre José de Anchieta Companhia de IESV- 1595

Em meados do século XVIII, dois fatores importantes para a evolução toponímica brasileira:

- a proibição da língua brasílica em 1757 e
- a expulsão dos jesuítas em 1759.

A proibição do uso da Língua Brasílica trouxe a imposição política da língua portuguesa em todas as colônias portuguesas.

A Lei criada e imposta pelo Marquês de Pombal, Secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I.

Consequências:

- Aceleração da expansão da língua portuguesa em todo o território colonial;
- Estabelecimento no nível linguístico e toponímico a hegemonia portuguesa na colônia.

A língua brasílica continuou a ser usada como uma língua caseira, falada pela maioria dos mestiços e difundida no interior através dos movimentos exploratórios na busca dos escravos e da riqueza mineral.

Este ramo criou variantes ainda em uso no interior do Brasil.

O *nhenhengatu* também derivado do Tupi, desenvolverá a variante de língua Brasília Amazônica, hoje falada na Amazônia.

4 – Famílias e Línguas Indígenas no Rio de Janeiro

Não é fácil definir quem e quais eram os indígenas no Estado.

Ausência de documentos escritos descritivos.

Tentativas iniciais de classificação pelos primeiros portugueses, franceses e holandeses geraram uma grande confusão devido ao mal entendimento das diversas nuances das línguas.

Exemplos: Tupinambás e Tamoyos - basicamente o mesmo grupo
Coroados - definidos como diferentes grupos de língua e cultura;
Bacunin ou Caxiné - grupos não confirmados;
Goitacá, Guaitacá, Waitaka ou Aitacaz - para um mesmo grupo.

Novos Critérios de Definição:

- Língua e pátria - muito difícil de definir.
- A mesma língua e diferenças entre línguas e como seriam as semelhanças e diferenças.
- Identificação do grau de parentesco entre as línguas e grupos.
- Línguas semelhantes classificadas nas mesmas famílias.
- Grupo da Família tendo uma língua similar proveniente de um ramo ou origem comum.

Memórias Históricas do Rio de Janeiro – 1819 Mons. José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo

Corografia Brazilica – 1817 - Padre Manoel Ayres de Casal

O Tupi na Geographia Nacional – Theodoro Sampaio

De acordo com esses critérios, as línguas indígenas no Estado do Rio de Janeiro foram classificadas por Bessa Freire em 20 diferentes idiomas formados por 4 famílias e 1 grupo não classificado.

I - FAMÍLIA TUPI ou tupi-guarani

Compreende mais de cem línguas faladas em todo o Brasil e em alguns países da América do Sul.

Pelo menos cinco delas foram faladas no Rio de Janeiro pelos seguintes grupos:

1. **Tupinambás ou Tamoyos**: habitantes de áreas de lagoas e enseadas costeiras de Cabo Frio a Angra dos Reis;

2. **Temiminó ou Maracajá**: localizados na Baía de Guanabara;

3. **Tupinikin ou Margaya**: na costa norte do Rio de Janeiro e Espírito Santo;

4. **Ararape ou Arary**: no Vale da Paraíba do Sul; e

5. **Maromomi ou Miramomim**: na antiga Missão de São Barnabé, Município de Itaboraí.

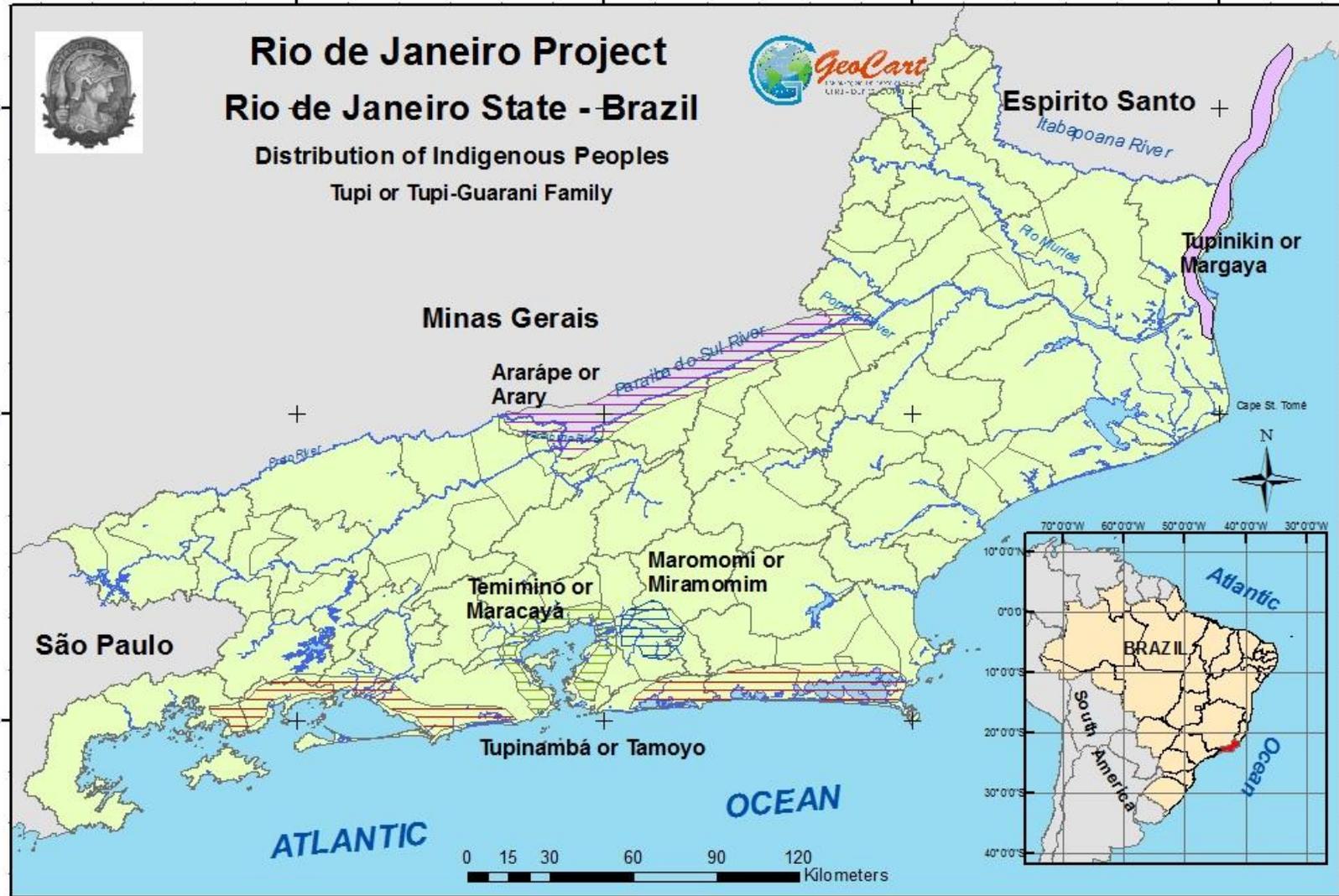
Tupi ou subgrupo de Guarulhos.



Rio de Janeiro Project

Rio de Janeiro State - Brazil

Distribution of Indigenous Peoples
Tupi or Tupi-Guarani Family



Espirito Santo

Itabapoana River

Tupinikin or Margaya

Minas Gerais

Ararápe or Arary

Maromomi or Miramomim

Temimino or Maracaya

São Paulo

Tupinambá or Tamoyo

OCEAN

ATLANTIC



II – FAMÍLIA PURI

Ligada ao ramo Macro-Gê.

Dividida em 23 línguas, foi encontrada em áreas dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo.

Doze delas foram faladas no Rio de Janeiro.

As três primeiras listadas desapareceram, mas deixaram alguns registros.

As demais eram pouco conhecidas e extintas, podem ter pertencido a esta família, porém sem evidências.

1. **Puri, Telikong ou Paqui**: falada nos vales do Itabapoana e Médio Paraíba e nas serras da Mantiqueira e das Frecheiras, entre os rios Pomba e Muriaé.
2. **Coroados**: em ramificações da Serra do Mar e nos vales dos rios Paraíba, Pomba e Preto.
3. **Coropós**: no rio Pomba e na margem sul do Alto Paraíba.

4. **Goitacá, Guaitacá, Waitaka ou Aitacaz:** planícies e restingas do Norte Fluminense, áreas próximas ao Cabo de São Tomé, entre a Lagoa Feia e a foz do rio Paraíba.

5. **Guaru ou Guarulho:** Serra dos Órgãos, margens dos rios Piabanha, Paraíba e afluentes, rio Muriaé, e ramificações para Minas Gerais e Espírito Santo.

6. **Pitá:** na área de Rio Bonito.

7. **Xumeto:** Maciço da Mantiqueira.

8. **Bacunin:** rio Preto e arredores da atual cidade de Valença.

9. **Bocayú:** rios Preto e Pomba.

10. **Caxiné:** entre os rios Preto e Paraíba.

11. **Sacaru:** vale do Médio Paraíba.

12. **Paraíba:** vale do Médio Paraíba.



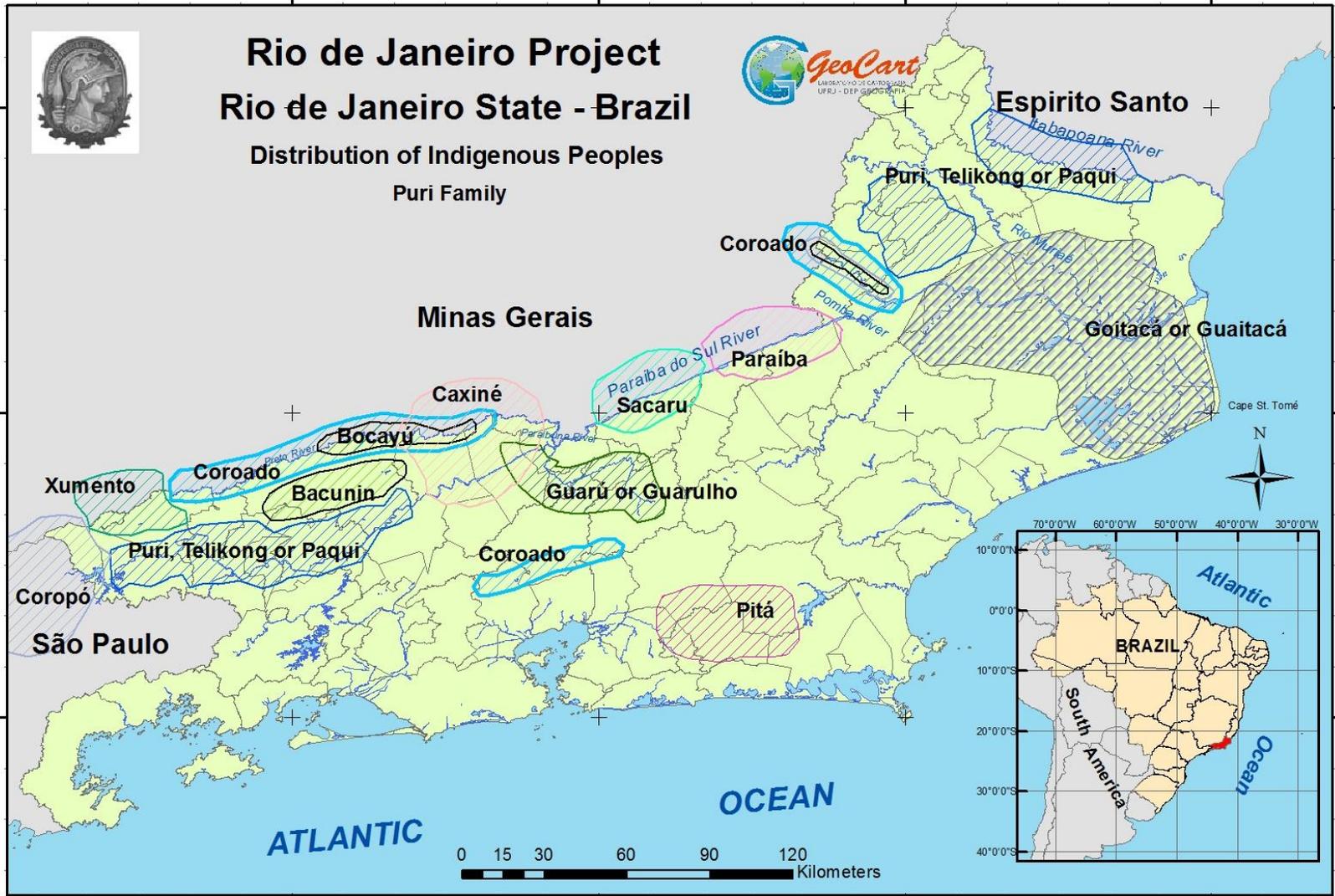
Rio de Janeiro Project

Rio de Janeiro State - Brazil



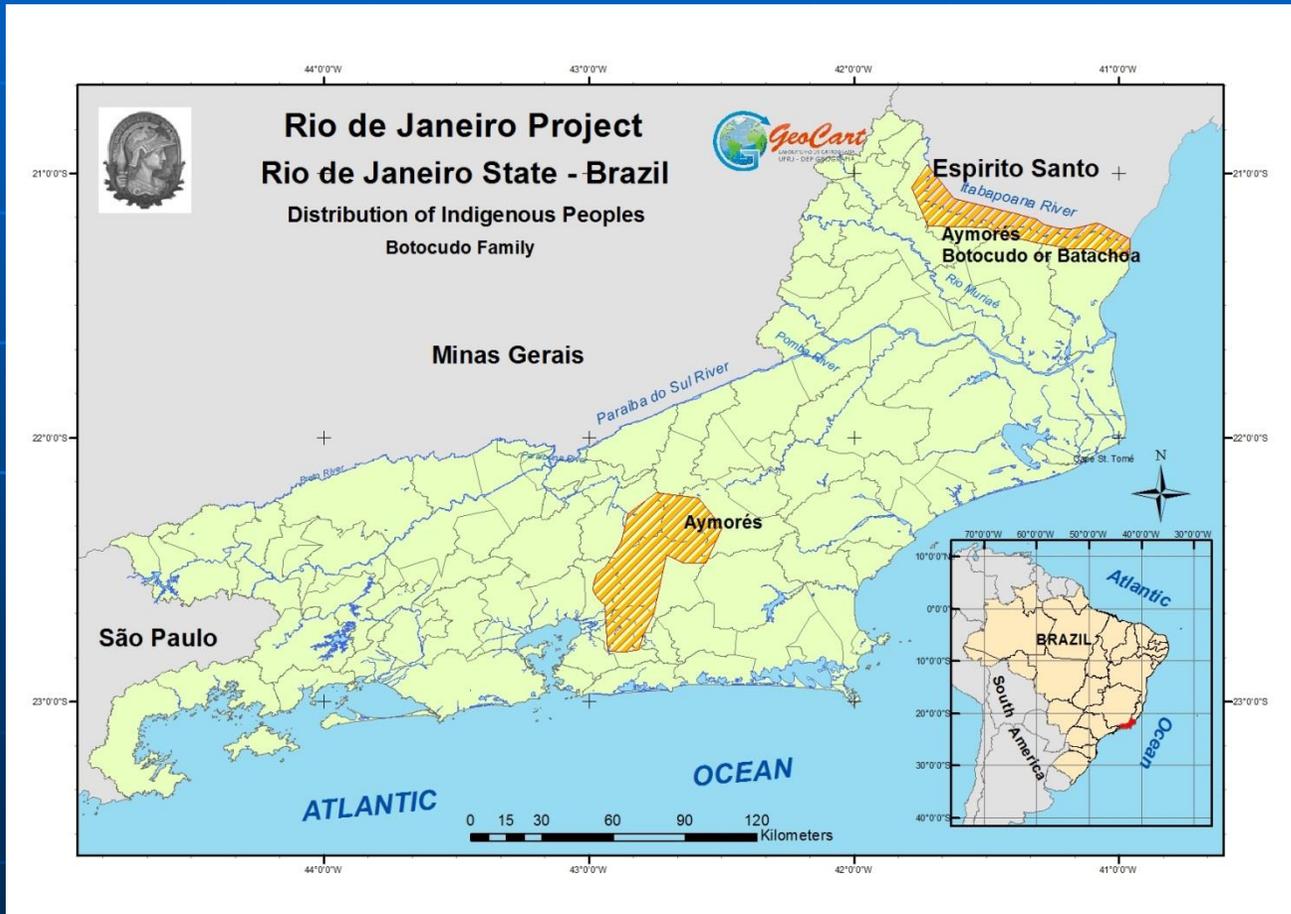
Distribution of Indigenous Peoples

Puri Family



III. BOTOCUDO FAMILY

Pertencente ao ramo Macro-Ge, é composto por 38 dialetos, quase que falados nas áreas do atual Espírito Santo e Minas Gerais, como Krenak no rio Doce e Naknanuk em Mucuri e São Mateus, destacando-se no Rio de Janeiro o Botocudo, Aimoré ou Batachoa, nos vales do rio Itapaboana, e também no rio Macacu.



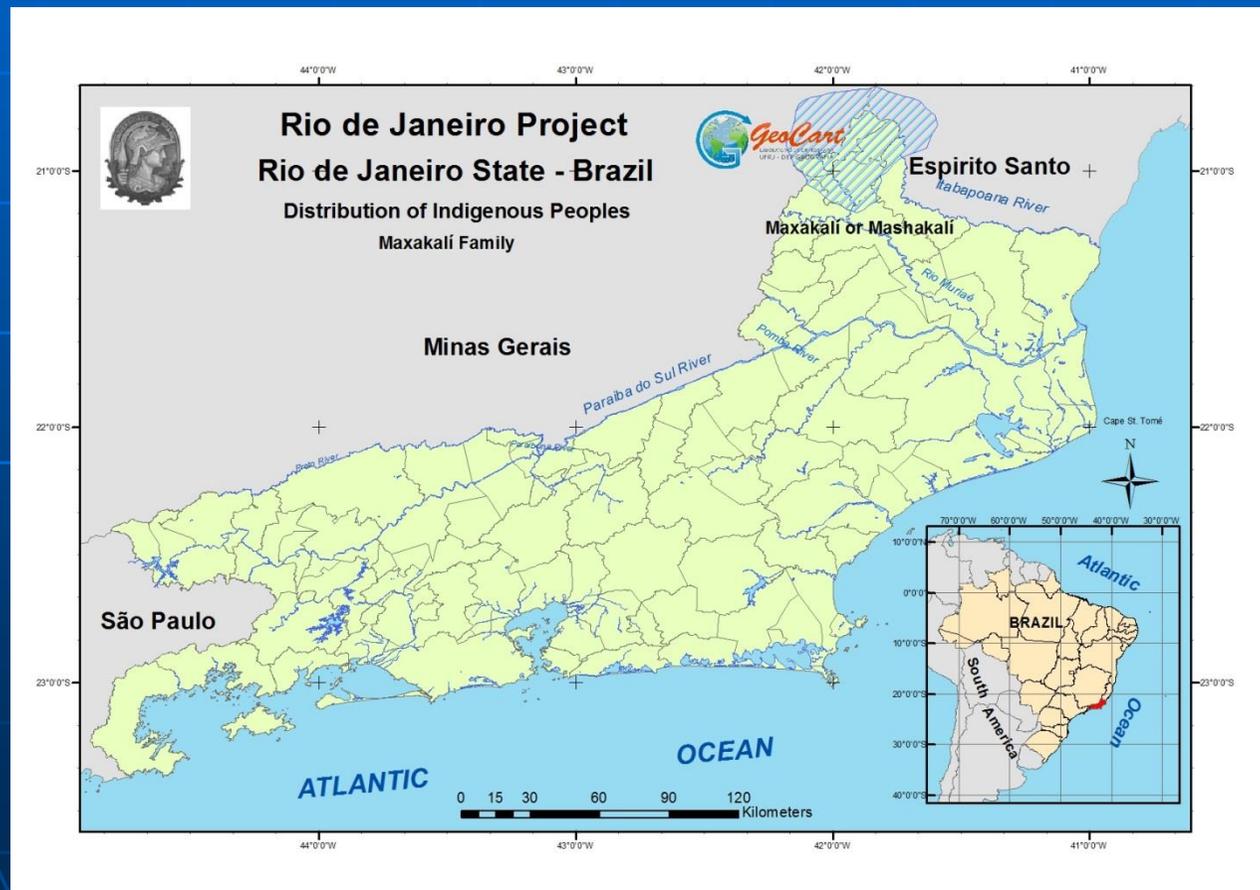
Krenak: no rio Doce e
Naknanuk: em Mucuri e
São Mateus.

Rio de Janeiro

**Botocudo, Aimoré ou
Batachoa:** nos vales do
rio Itapaboana e
Macacu.

IV. FAMÍLIA MAXAKALÍ ou MASHAKALI

Ligada ao ramo Macro-Gê, abrange 27 idiomas falados em áreas dos estados atuais de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. No Rio de Janeiro, há referência a apenas uma língua: o **Maxacali** ou **Mashakali** falado na área do Rio Carangola e nas atuais divisas do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.



V. LÍNGUA NÃO-CLASSIFICADA

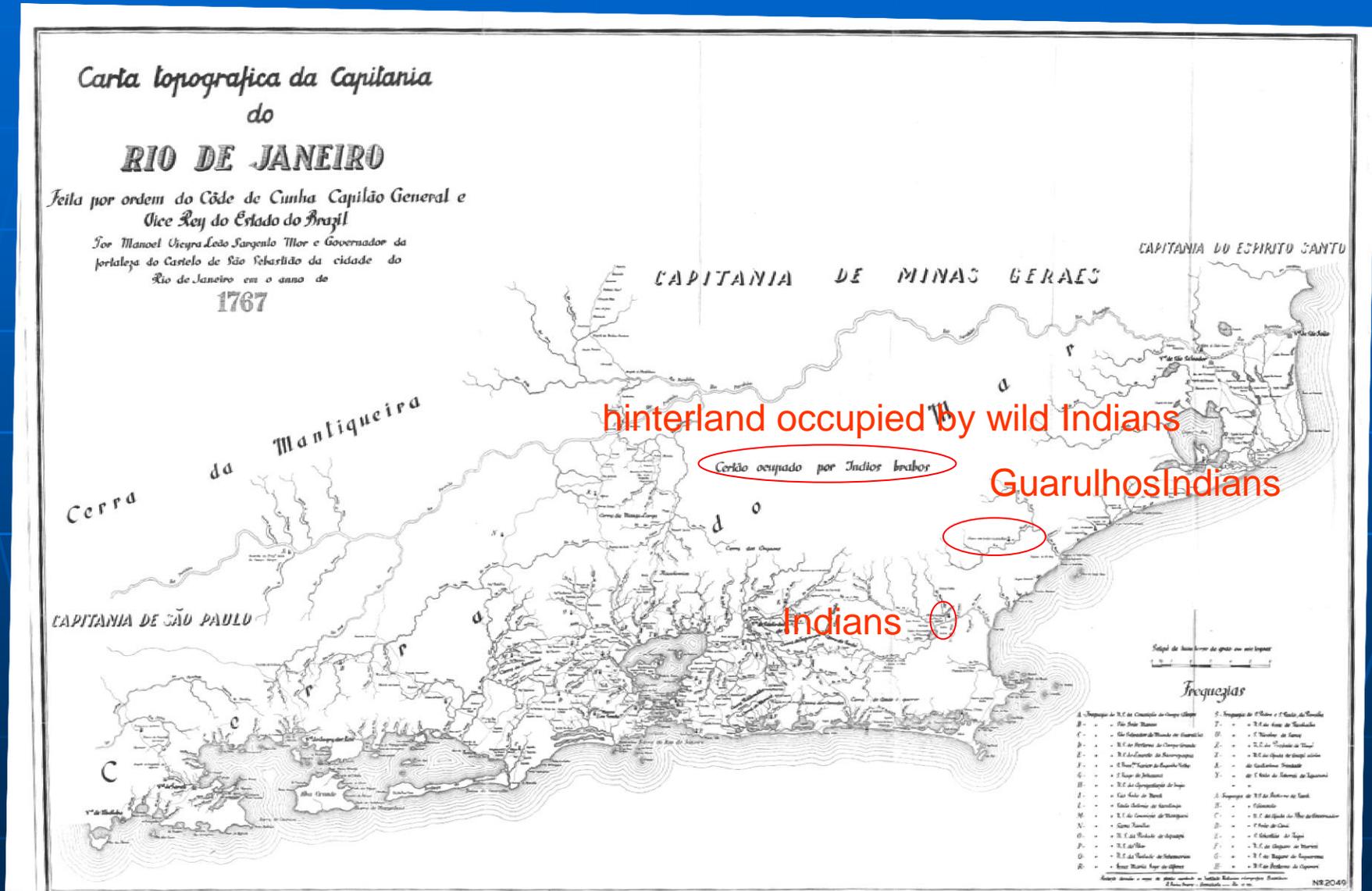
O Goianá, Guaianá ou Guiana, se concentravam na capitania de São Vicente.

Alguns grupos foram localizados na Ilha Grande, em Angra dos Reis e Parati.

Entre todas essas línguas, os Tupinambás estavam em maior número de e espalhados por extenso território da costa atlântica.

Portanto, desde o século XVI, foi aprendida por portugueses e franceses, que tinham interesse econômico em se comunicar com os índios.

The Charta Topographica da Capitania do Rio de Janeiro from 1767 shows some indigenous settlements as well as some regions occupied by them.



The Charta Corographica da Capitania do Rio de Janeiro from 1777, shows also some indigenous settlements as well as some regions occupied by them, in a more accurate way.



Carta Chorographica da Capitania do Rio de Janeiro -1777

5 – Pesquisa Toponímica no Estado do Rio de Janeiro

Desenvolvida pelos aspectos histórico, geográfico, cultural, etnográfico, antropológico, entre outros.

Abrangência temporal: mapas e documentos históricos que mostrem a indicação espacial de topônimos

Estudo Linguístico e motivacional

Mapa: depositário ou arquivo toponímico histórico (seja qual for a época de sua elaboração)

Metodologia Aplicada

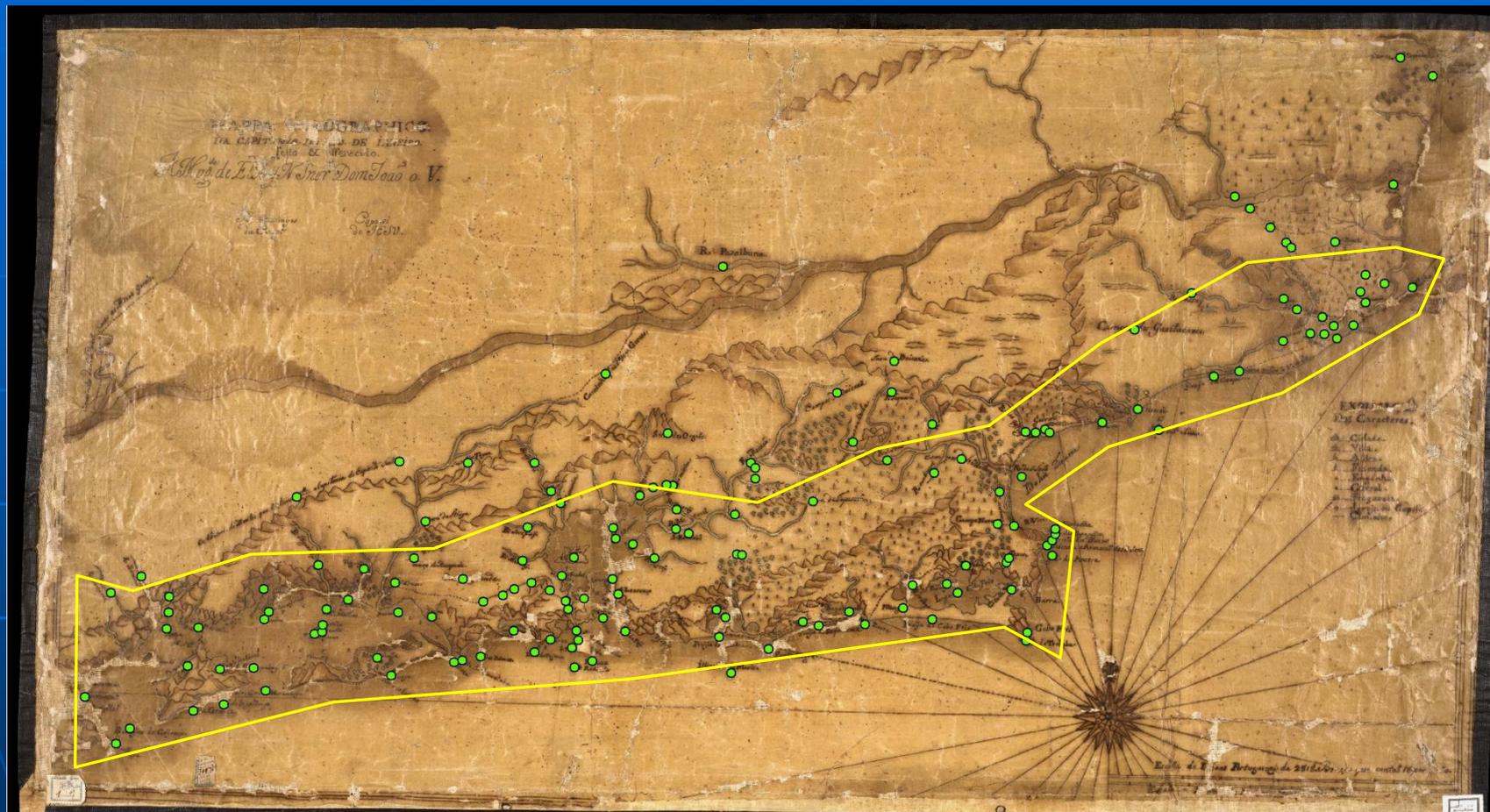
- Extração e identificação de toda a toponímia em cada mapa;
- Identificação estrutura geográfica associada ao topônimo;
- Separação por feição geográfica:
 - Elementos Hidrográficos: praias, rios, lagos, cabos, baías, etc;
 - Orografia: Montanhas, Serras, morros, picos, etc
 - Núcleos Urbanos: Cidades, Vilas, aldeias, pequenos núcleos, igrejas, capelas, etc
 - Uso do solo: fazendas, moinhos, usinas, pousadas, comércio, etc
 - Caminhoss: estradas, paradas, estações, etc.

- Avaliação do Georreferenciamento: coordenadas e posicionamento;
- Comparação espaço-temporal;
- Avaliação da estrutura de ocupação;
- Comparação toponímica de acordo com a lingua origem e motivação toponímica;

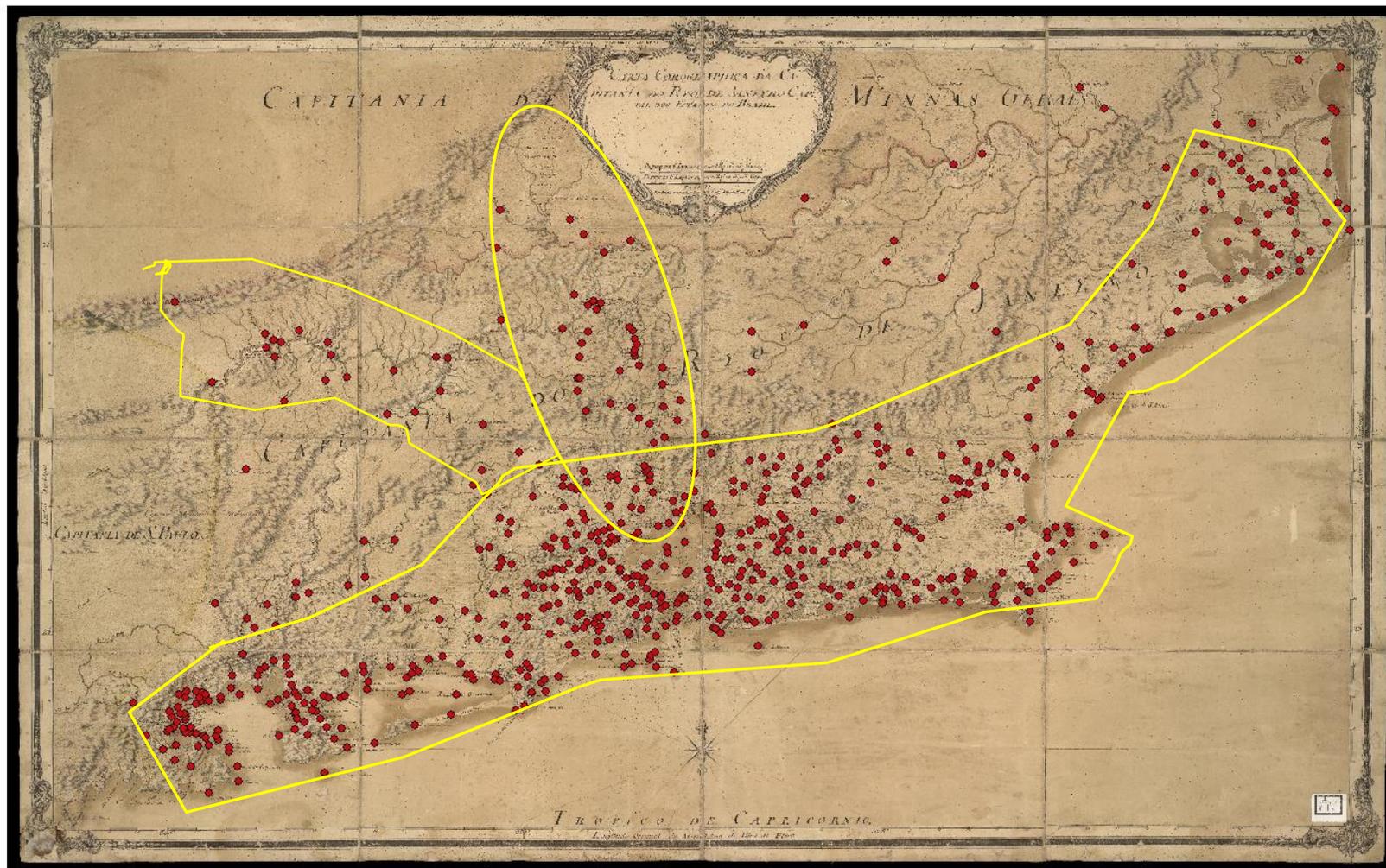
Toponímia Extraída

Nr	Mapas	Toponímia Extraída
1	Luis Teixeira - 1534	50
2	Capaci - 1732	157
3	Roscio - 1777	669
4	RJ - 1830	570
5	RJ - 1858	2787
6	RJ - 1892	934
7	RJ - 1922	1787

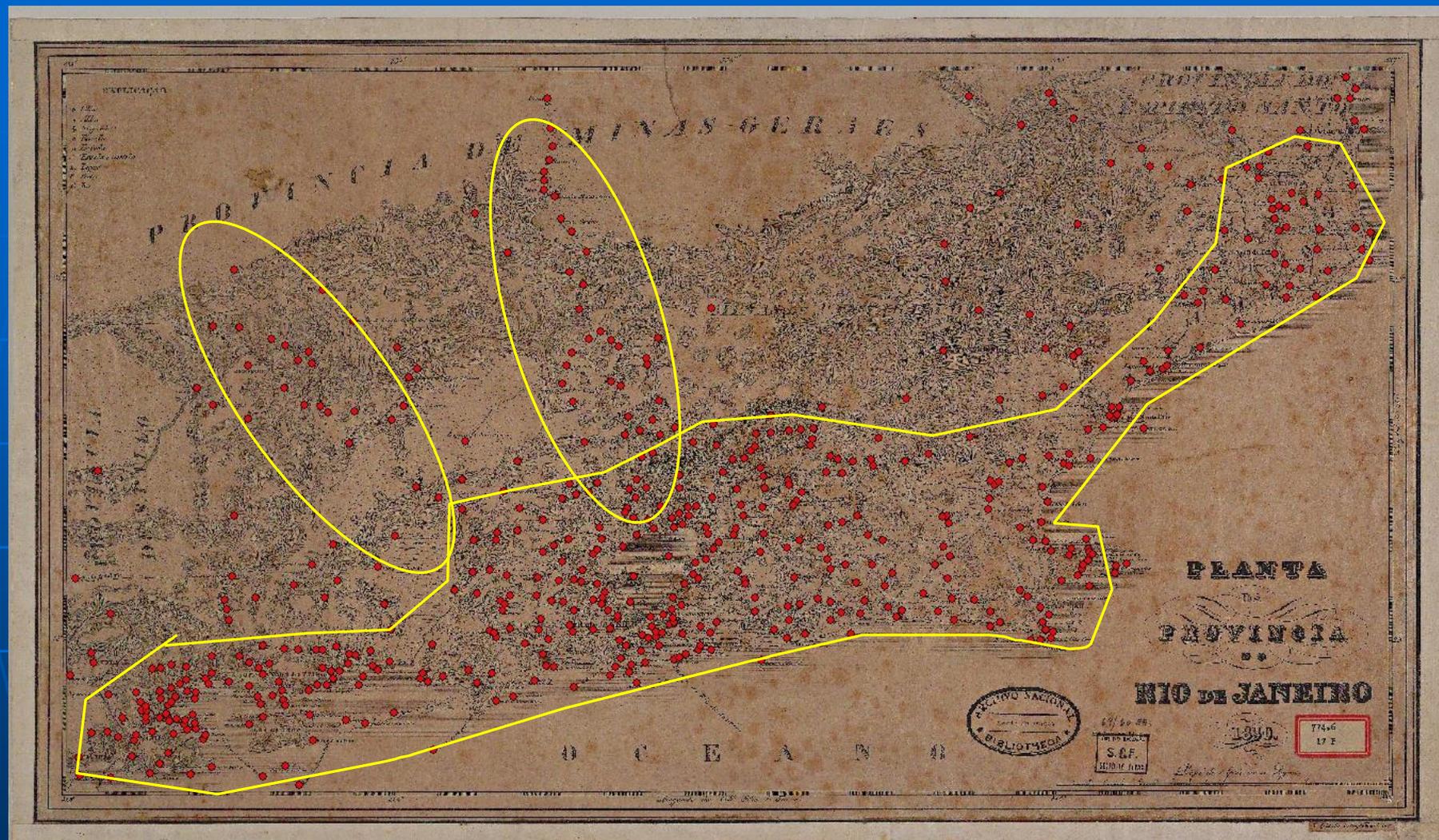
Distribuição da toponímia nos mapas



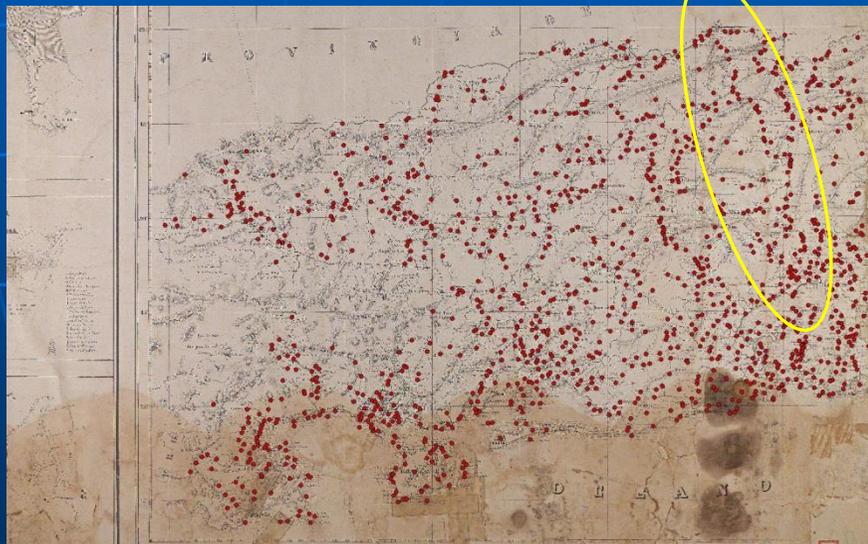
Capaci – 1732 – ao longo da costa



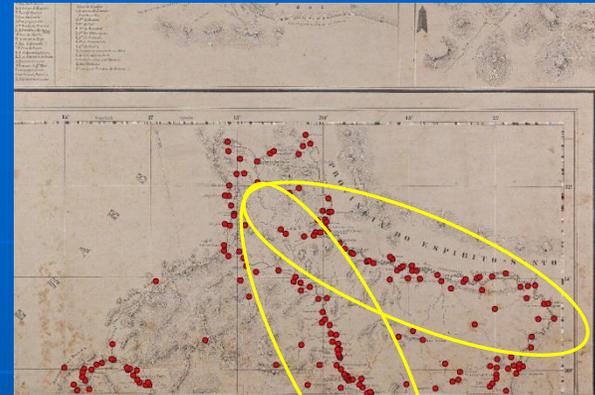
Roscio – 1777 – Existência de caminhos para Minas



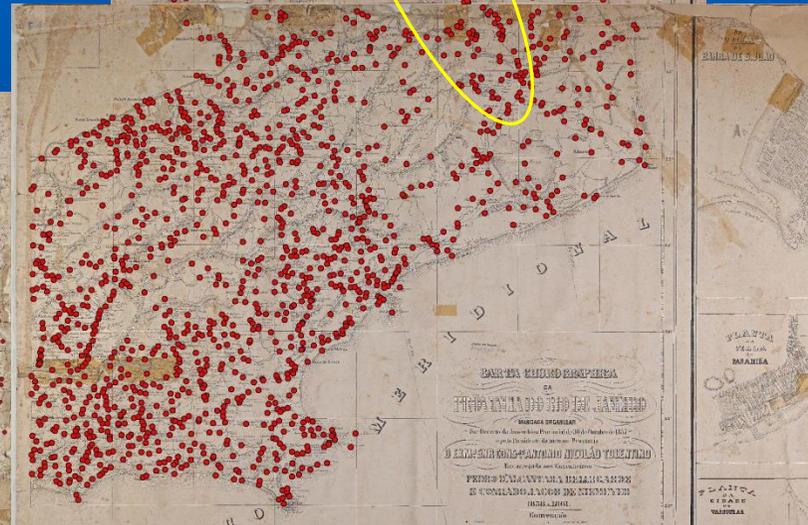
1830 – Consolidação das estradas e Caminhos



Folha 4

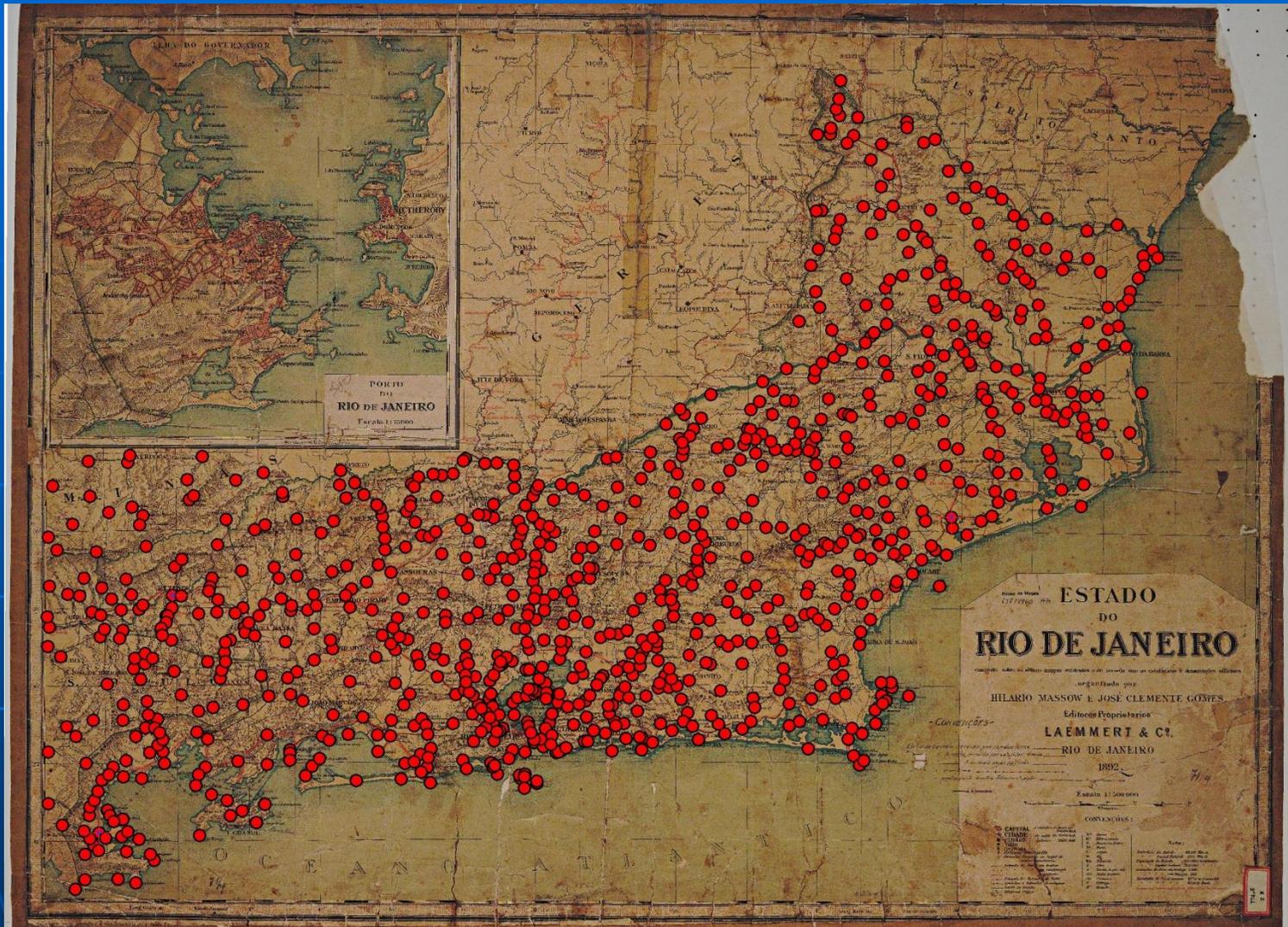


Folha 2

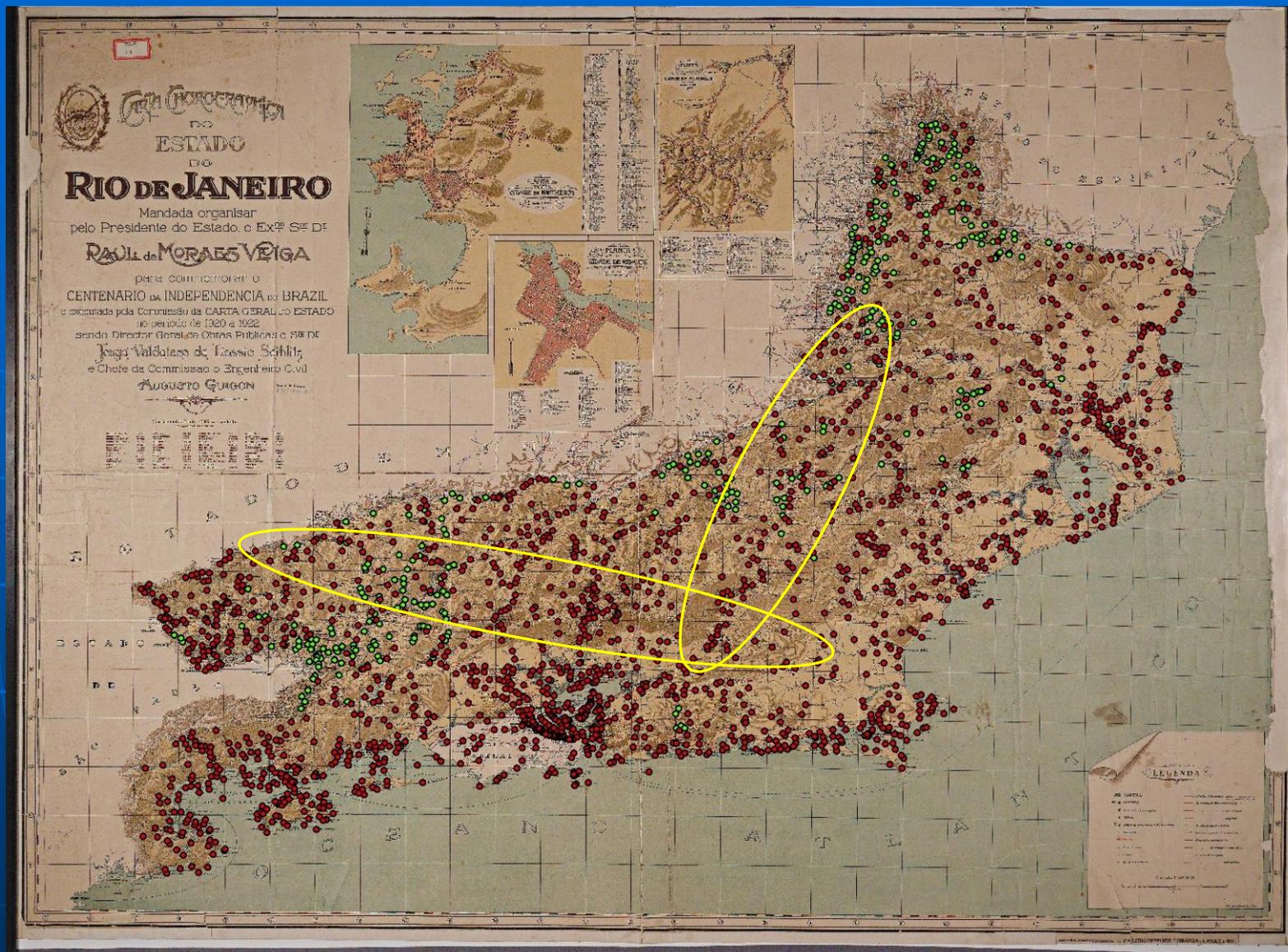


Folha 1

1858 – 1865 – Ocupação generalizada

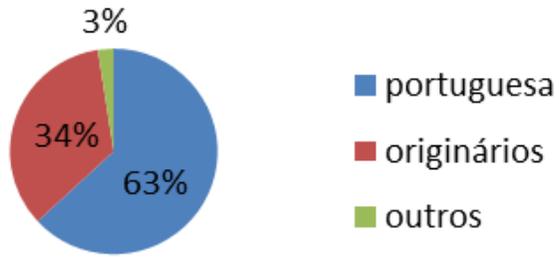


Laemmert – 1892 – Influência do Ciclo do Café e Ferrovias

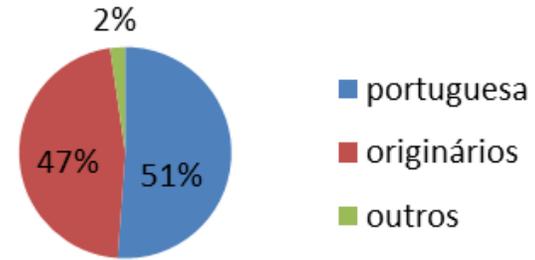


Rio de Janeiro – 1922 – Consolidação da Ocupação

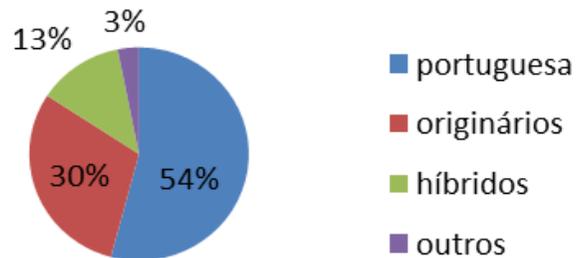
Capassi - 1732



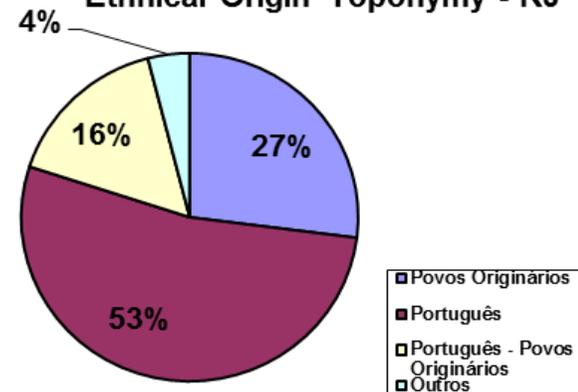
Roscio 1777



Província do Rio de Janeiro 1830



Ethnical Origin Toponymy - RJ



Rio de Janeiro – 1: 1.000.000

Análise comparativa entre as diversas séries, relativa ao ERJ

Abrangência temporal

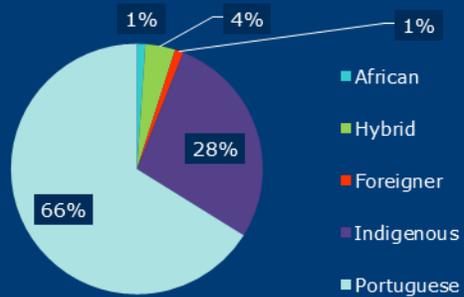
Estudo Linguístico e motivacional

Mapa: depositário ou arquivo toponímico histórico (seja qual for a época de sua elaboração)

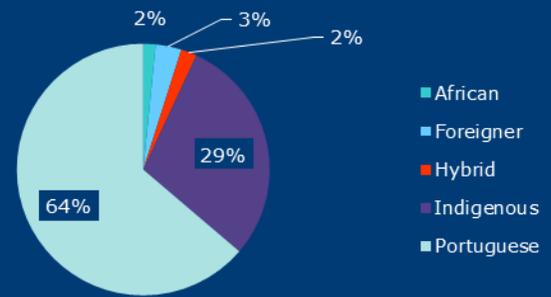
	Série	Top. Extraídos	Tipo do Mapa
	1922	365	Analógico
	1960	638	Analógico
	1972	722	Analógico
	1989/2003	722	Digitalizado
	2011	599	Digital

Distribuição Linguística

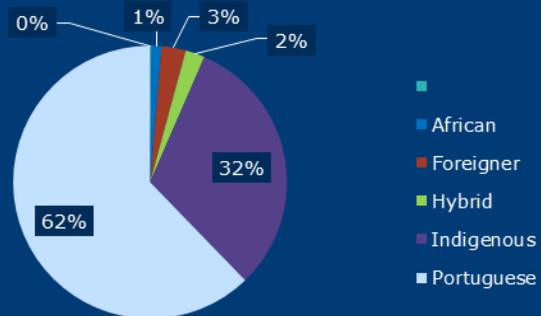
Language Distribution 1922



Language Distribution 1960



Language Distribution 2011



Baia de Guanabara

Rios e Ilhas da Baia de Guanabara

Aspecto Linguístico

Rios: 34

8 – Portugueses

21 – Indígenas

1 – Outros (alemão)

3 – Africanos

Ilhas: 22

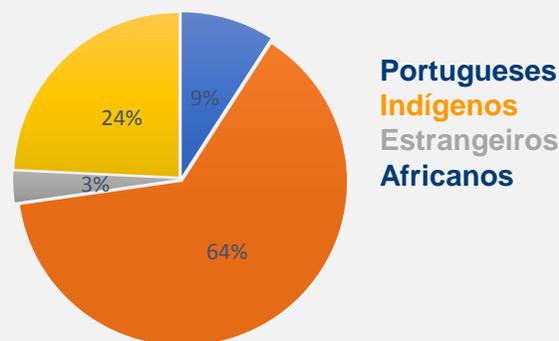
17 – Portugueses

4 – Indígenas

1 – Outros (Francês)

0 - Africanos

Rios da Baia de Guanabara



Distribuição Linguística Ilhas Baia de Guanabara



Evolução Toponímica:

Cidade de Resende (-22°28'08"; -44°26'48")

1745 - Nossa Senhora da Conceição; **Hagiotopônimo**

1745 - Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova – **Hagio-Corotopônimo**

1747 – Primeira capela curada
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova

1765 - Elevada a categoria de igreja matriz

1801 – Elevada a Vila e denominada **Resende** em honra ao Vice Rei do Brasil, Dom José Luis de Castro - Conde de Resende. **Antropotopônimo**

Alteração ortográfica – Rezende – Resende

Cachoeiras de Macacu (-22°27'45"; -42°39'11")

1647 - Santa'anna de Japuíba – Distrito

Hagio/Fito – Híbrido

1679 - Santo Antônio de Sá e elevada a Vila

Hagio - Português

1868 – Sant Anna de Macacú

Hagio/ Zoo – Híbrido

1898 - Sant Anna de Japuíba

Hagio/Phito – Lingua Mista

1938 – Cachoeiras

Hidro – Português

1943 - Cachoeiras de Macacú

Hidro/Zootopônimo – Híbrido

Variações nas Distribuições Linguísticas e Motivacionais

Universo pesquisado

- Volume de informações
- Total ou especificação por feições geográficas
- Localização geográfica da área pesquisada

Detalhamento Toponímico

- Foco da pesquisa – geográfico, histórico, cultural, etnográfico, etc
- Motivação toponímica
- Localização geográfica do topônimo

Escala Temporal

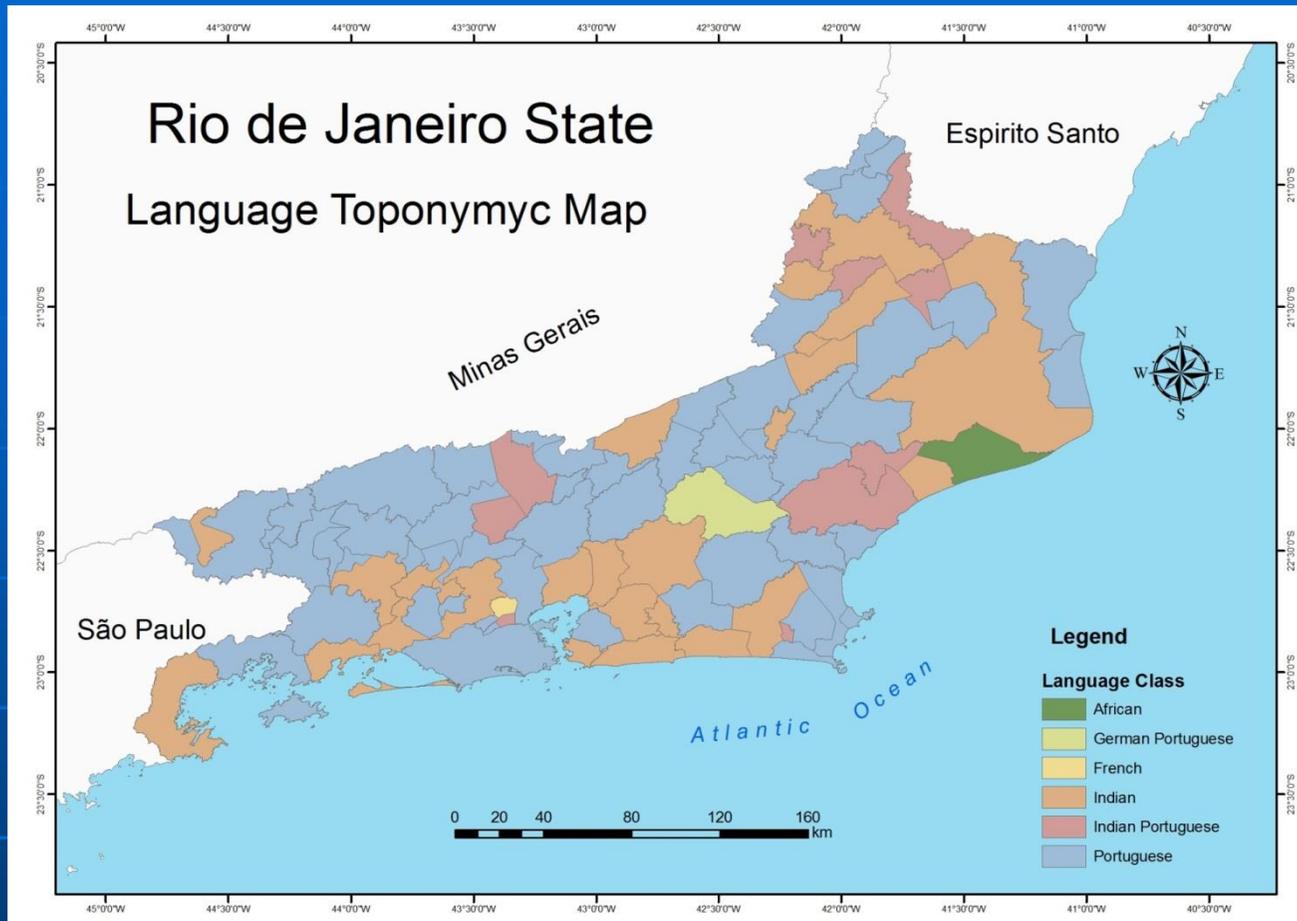
- Evolução toponímica
- Alterações toponímicas (nomes e ortográficas)
- Quanto mais antigo o mapa, menor o número de topônimos coletados

Escalas de Extração Toponímica

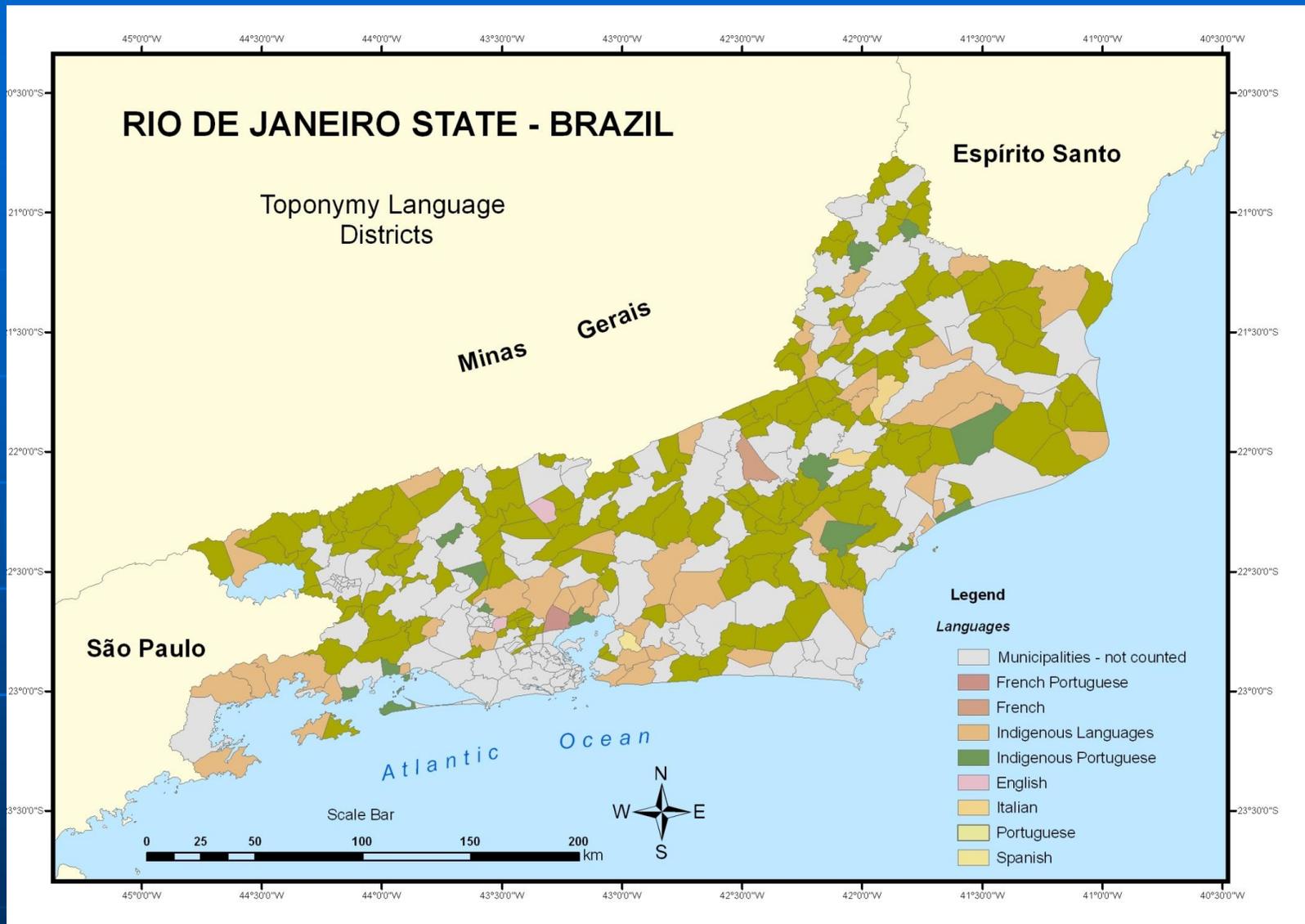
- Abrangência e implicação direta no universo coletado
- Mapas: quanto maior a escala > o número de topônimos coletados
- Gazetteers – relações de topônimos de uma área

6 – Cartografia e Toponímia

- **Toponímia considerada como informação geográfica ou geoespacial:**
 - Associação direta ao espaço e à área geográfica de abrangência
 - Geometria do Topônimo – pontual, linear, planar e volumétrico
 - Estrutura espaço-temporal do topônimo.
 - Associação à uma coordenada ou grupo de coordenadas (geônimo)
- **Padronização da Toponímia Nacional**
- **Identificação estrutura geográfica associada ao topônimo:**
 - Elementos Hidrográficos: praias, rios, lagos, cabos, baías, etc;
 - Orografia: Montanhas, Serras, morros, picos, etc
 - Núcleos Urbanos: Cidades, Vilas, aldeias, pequenos núcleos, igrejas, capelas, etc
 - Uso do solo: fazendas, moinhos, usinas, pousadas, comércio, etc
 - Caminhos: estradas, paradas, estações, etc.



Dispersão da etnia linguística, relativa aos municípios atuais.
Esta distribuição apresentará variações mais acentuadas, quando aumentar a escala de observação dos nomes geográficos.



Dispersão da etnia linguística, relativa aos distritos atuais.

Mangaratiba

"Mangaratiba" originário da língua tupi antiga

Significado "ajuntamento de mangarás",

mangará - termo de origem tupi - as plantas da família das aráceas
tyba (ajuntamento)

Escala 1:1.000.000 - 25 topônimos - IBGE

Escala 1: 400.000 - 17 topônimos – IBGE (1975)

Escala 1: 450.000 - 12 topônimos – CEPERJ 2010

Escala 1: 50.000 - 380 topônimos – Carta do Brasil 1:50.000 – IBGE/DSG

7 - CONCLUSÕES

Toponímia é um patrimônio nacional

Ligação direta com a geografia, cultura, história, linguística e outras áreas permitindo estudos em escala espaço temporal sobre um lugar;

Permite a identificação imediata de um lugar ou sítio sujeito à eventos críticos;

Toponímia em mapas:

- Arquivo histórico e depositário dos nomes de feições geográficas diversas;
- Submetida às regras de generalização cartográfica – desvantagem;
- Quanto menor a escala, menor o volume toponímico apresentado no mapa e vice-versa.

O Banco de Nomes Geográficos apresenta-se como uma ferramenta de apoio para a pesquisa toponímica.

Existe uma necessidade de micro-toponímia, que não está disponível a nenhum nível

Proposta:

Criação de uma ligação com entidades diversas: Estados, Prefeituras, Organizações desportivas – montanhistas, trekkers, mergulhadores; ONGs, visando a obtenção dos topônimos de feições geográficas menores e lugares ainda não levantados, através de uma atuação voluntária e participativa.

Aproveitamento de campanhas de reambulação para mapeamentos em escalas definidas, para o levantamento da microtoponímia da região.

CURSO INTERNACIONAL DE TOPONÍMIA UNGEEN & IBGE



Obrigado!

Prof. Dr. Paulo Márcio Leal de Menezes



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade do Brasil
Departamento de Geografia

GeoCart
Laboratório de Cartografia

